

Camões revisitado na visão mitopoética de Manuel Alegre

Pedro Carlos Louzada Fonseca

Abstract. This comparative study traces the formal and substantive influence of Camões's sonnets and some passages from *Os Lusíadas* (1572) on Manuel Alegre's *Com que pena* (1992). Using the concepts of dialogism, intertextuality, and mythopoetics, it aims to demonstrate that contemporary Portuguese poetry, as exemplified by Alegre, undertakes a formally and thematically revisionist approach to the classical Camonian model. In Alegre's work, this task of reinterpretation is directed at a legitimation of his poetry through an alignment with the literary value represented by Camões and with the central themes of Portuguese literary and cultural history.

A teoria literária reconhece, na gestação de um texto literário, a presença de uma relativa influência de textos culturais que exercem a sua motivação estética e ideológica no texto produzido (Kristeva 111). Esse procedimento dialógico tem as suas particularidades e propriedades específicas (Bakhtin 85–106). Uma delas diz respeito ao fato de o autor, por meio dessa dialogia intertextual, poder se distinguir como criador original, quando capaz de manipular de forma criativa o material utilizado de outras fontes (Brownlee and Stephens 1–19).

Tendo por base noções desse tipo, este estudo da presença de Camões em Manuel Alegre consiste num exame de aspectos formais e conteudísticos da

poética camoniana, que, submetidos a um tratamento estético inovador, constituem o cerne do fazer poético de Manuel Alegre. Essa espécie de apropriação, baseada na intertextualidade, tem como resultado a produção da nova poesia de Alegre por meio da reinterpretação da antiga poesia de Camões (Brownlee 109–27). Além de preservar o valor do seu modelo, do seu “próprio poético,” (Castro 5–23, 69–77, 129–166) a poesia de Alegre reinterpreta-o com originalíssima recriatividade, tornando-o atual na medida em que reavalia e reconstrói as suas idéias e sentimentos originais (Brownlee 109–27). É nesse sentido que talvez possam ser entendidas as palavras de Borges ao comentar que “cada escritor crea a sus precursores” (128).

Essa releitura de Alegre consiste numa verdadeira reatualização temporal de Camões, na medida em que resgata à sua poesia a propriedade de inspirar e de dar forma e modo de ser à atual visão do poético expressa por Alegre. Apesar de situados em diferentes momentos histórico-culturais, as condições dos respectivos tempos vividos pelos dois poetas apresentam problemáticas análogas, tornando-se a visão e a imagem camonianas motivo para Alegre redimensionar, em moldes transfigurados, a visão camoniana na sua própria. Alegre professa essa correspondência com um pacto de fidelidade a Camões, expondo, no poema “Criptografia” do seu livro *Com que pena* (1992), o seu propósito inter e metatextual de fazer a sua poesia enquanto “leitura-construção” (Todorov 420), de forma transsubstanciada, do seu modelo elegido, sugerindo mesmo uma disposição de mistificação psicografista:

Da rosácea de enxofre nasce o pacto
da magia da fórmula do rito
vai-se a ver e Camões é o próprio acto
de passar a poema o nunca dito.

Tem cornos que não vêm no retrato
tem pés-de-cabra e o fogo do maldito
e quanto mais disperso mais intacto
vai-se a ver ele dita e eu passo a escrito.

Intertexto intervida intersemântica
alquimia alquimia escrita quântica
vai-se a ver e Camões é a voz que dita.

E já não sei se escrevo ou se sou escrito
 é a magia o fogo o signo
 cripto-
 grafia de uma escrita em outra escrita. (Alegre 49)

A influência e o reaproveitamento do modelo camoniano na literatura portuguesa é uma realidade tradicional, bastando aqui apontar como razão precípua disso o fato de Camões ter escrito numa época, de forma inigualável, propícia para definir as bases fundadoras do que veio a se conhecer, de forma peculiar, como sentimento lírico e espírito épico da índole rática portuguesa. Haja vista disso o exemplo de Pessoa, o super-Camões de *Mensagem* (1934), obra pretendida como uma réplica lírica à épica de *Os Lusíadas* (1572). Com intento semelhante ao de Pessoa em resgatar valores éticos do glorioso passado português refletido por Camões, os poemas de *Com que pena* de Alegre apresentam-se nos limites de uma irônica utopia, na medida em que a sua lírica, invocando o canto da autenticidade histórica lembrada por Camões, enaltece sentimentos e idealizações inconformados com crítica realidade do seu tempo.

Colocada em destaque ímpar a genial magnitude da revisitação de Camões por Pessoa, Alegre é um dos muitos poetas da modernidade portuguesa que, cada um a seu modo, recorreram-se à ilusão de transpor e ultrapassar as lições do mestre quinhentista. Entretanto, essa vontade de superação desse “peso” camoniano, intentada por esses poetas, esbarra em questões que têm a ver com a formação dos chamados mitos da cultura nacional (e Camões é um deles), panteonizados, desde a tradição, por seu valor literário e poético, cujo alcance cosmovisivo e estético adquirem a qualidade de valores intemporais e universais.

Manuel Alegre é um poeta que, consciente disso, faz a sua poesia como leitura-construção colada em Camões, num processo simbiótico de remitificação do seu modelo, descobrindo nele situações de alcance significativo para avaliar poeticamente a sua própria época. Reinterpretando a figura do poeta e da sua obra, Alegre subintitula o seu livro *Com que pena* com a apologética dedicatória “Vinte poemas para Camões.” O primeiro poema da coletânea lembra *Os Lusíadas*, invocando e equivalendo Camões ao próprio herói dessa epopéia (Vasco da Gama), recordando, assim, a *invocatio* da epopéia clássica. Através deste processo metonímico, Alegre assume-se, por transposição, como um novo bardo ao feitio camoniano, responsável pela continuação do tradicional legado poético e histórico português. Invoca, para tanto, o canto camoniano a

inspirar-lhe como singradura. Por meio dessa estratégia retórica, Alegre, ao se colocar como sujeito da enunciação de um mito, confere a si próprio conotações mitificantes, na medida em que se torna provedor de um mito.

Entretanto, a mitopoetização de Camões por Alegre obedece teoricamente a certos procedimentos poéticos e estilísticos. O primeiro deles é o uso da musicalidade e de imagens mitificadoras (Friedrich 17–40). Outro recurso é o emprego de uma linguagem metafórica de alta densidade simbólica, que conota uma temporalidade imune à organização da razão lógica (Frank 15–17). Trata-se de um tempo que adquire a dimensão da intemporalidade anterior ao *logos* (Blumenberg 38). Ao fazer uso desses procedimentos mitificantes, Alegre recorre ao próprio estilo e propriedades poéticas de Camões. Dessa forma, ao tratar do hipotexto camoniano de forma mitopoética, Alegre confere à sua própria poesia um estatuto mítico aproximado ao seu modelo.

Para assim proceder, o primeiro elemento a ser aproveitado por Alegre refere-se ao ritmo melódico e à cadência vocabular empregada por Camões nos seus sonetos e na sua poesia épica. Concomitante com essa reelaboração estilística, Alegre vai estruturando as idéias temáticas da sua cosmovisão poética consubstanciada na interpretação da vivência de Camões enquanto homem e poeta, conforme pode ser notado nos seguintes versos de *Com que pena*:

Desterro desconcerto desatino
vai-se a vida em palavras transmudada
vai-se a vida e cantar é um destino
página a página de pena e espada.

Conjura desengano má fortuna
oxalá só vocábulos mas não
a escrita não se cinde e a vida é um
cantar é sem perdão sem perdão.

Quebrar a regra nenhum verso é livre
outra é a norma e a frase nunca dita
lá onde de dizer-se é que se vive.

Cortando vão as naus a curta vida
transforma-se o que escreve em sua escrita
Lusíadas é a palavra prometida. (43)

Este poema de Alegre, através da metatextualidade construída com base na apropriação do texto camoniano, constitui uma verdadeira biografia poética de Camões. A fidelidade foco-emblemática da construção textual de Alegre faz uma *mimesis* estética do discurso poético original em todos os seus níveis: estrutural, estilístico, semântico e temático. Em termos de substrato mitopoético, o texto camoniano, repoeitizado por Alegre, mitifica, em grandeza épico-ideológica, a nacionalidade histórica portuguesa decantada literariamente, recordando, dessa maneira, a tradição da mentalidade lusitana da equivalência entre Pátria e cultura literária, genialmente concebida e marcada para a posterioridade por Fernando Pessoa ao dizer: “A minha pátria é a língua portuguesa” (17). Recuperar o sentido da grandiosidade passada através da missão do escritor, que se imola em função da escrita patriótica, parece ser o significado do mito camoniano entrevisto por Alegre. O verso final do soneto de Alegre, “Lusíada é a palavra prometida,” reflete claramente a nostálgica esperança que todo mito encerra na disposição de sua reatualização temporal (Blumenberg 17).

A seguir, algumas considerações mais pontuais merecem ser feitas para se verificar essa mitopoetização de Alegre decalcada no texto camoniano. Dentre inúmeros outros versos retrabalhados por Alegre com base na poesia de Camões, os seguintes “Cortando vão as naus a curta vida” e “transforma-se o que escreve em sua escrita” constituem uma referência metatextual aos versos “Cortando vão as naus a larga via” e “Transforma-se o amador na coisa amada,” respectivamente de *Os Lusíadas* (IX.51) e do soneto camoniano que principia por aquele mesmo verso. Entretanto, o que poderia ser aqui tomado como vulgarmente parodístico possui a seriedade de um sentido irônico e reflexivo, pois corresponde a ideia de efemeridade histórica do destino do poeta e da glória da sua nação Quinhentista à ideia de perenidade mítico-simbólica em que tal glória e destino se transformariam na posteridade.

A reapropriação de Camões por Alegre é, em todos os seus aspectos, de uma coerência estética e ideológica quase que perfeita. Para uma maior convergência dos temas, Alegre apura-se inclusive na imitação estilística do seu modelo. Nesse sentido, o ritmo melódico de Alegre reproduz o estilo camoniano da cadência encontrada no decassílabo de incidência tônica regularmente feita na sexta e décima sílabas, conforme pode ser notado nos seguintes versos: “Desterro desconcerto desatino, / vai-se a vida em palavras transmutada.” Alegre, para demonstrar a sua consciência da adequação entre estilo e ideia, muda esse esquema rítmico no verso em que ele fala do livremetrismo. Assim, em “Quebrar a regra nenhum verso é livre,” de decassílabo o verso passa

para endecassílabo, e a tonicidade recai na sétima e na décima primeira sílabas.

Outro elemento determinante da melodia poética de Camões, reapropriado por Alegre, é a repetição na forma do *polyptoton*, isto é, o emprego lexical e/ou sintático de termos de variações cognatas. Dentre os vários casos deste recurso em Camões, destacam-se os seguintes:

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é feito de mudança.
Tomando sempre novas qualidades. (Camões 102)*

Alegre utiliza esse mesmo recurso como indiretas referências a Camões, como nos seguintes exemplos de *Com que pena*: “*vai-se a vida [...] / vai-se a vida [...] / cantar é sem perdão é sem perdão / [...] transforma-se o que escreve em sua escrita*” (43). Esse recurso da repetição garante a musicalidade natural da língua (Friedrich 27), tornando-se um elemento essencial para a consolidação do efeito mitopoético. Se a construção mitopoética de Camões, feita por Alegre, se baseia num diálogo intertextual e se o diálogo se caracteriza pelo uso, dentre outros recursos, da repetição enquanto produção de um envolvimento emocional (Tannen 48), então está explicada a disposição emotiva com a qual Alegre dialoga com Camões na sua poesia. Tal disposição dialógica da mitopoetização camoniana de Alegre pode ser empaticamente notada nos seguintes versos de *Com que pena*: “*teu canto e tu são nossa rima e nosso ritmo / decassílabos em volta do planeta*” (10).

No afã de elevar Camões a símbolo cultural da nacionalidade portuguesa, Alegre corresponde ou amplia o canto literário do poeta renascentista à própria melodia da voz popular:

Talvez soubesse [Camões] o que mais tarde
Eliot havia de formular: a música
da poesia é a música latente do falar
corrente [...]. (32)

É bastante conhecido o sentimento nostálgico dos velhos e autênticos valores da raça portuguesa, que Camões expressa para censurar os desmandos materialistas responsáveis pelo declínio cultural, moral e político de um Portugal na época do seu império ultramarino; sentimento esse associado à sua cosmovisão

poética e filosófica do estado caótico e desconcertado do moderno mundo em que vivia. No terreno mítico, declínio e desconcerto constituem a contraparte disfórica do modo de ser das construções míticas (Bollack 67–116). Alegre, da mesma forma que Camões, expressa uma nostalgia do passado português tradicional, revela um sentimento nostálgico da passada, porém profetizada por Camões como fátua e efêmera, glória de um Portugal da época das conquistas e expansão além-mar, podendo-se, com essa aproximação, afirmar que, para a mentalidade e cultura portuguesas, o binômio pátria-poesia constitui-se essencialmente baseado na memória do passado. Nesse sentido, podem ser lidos os seguintes versos de *Com que pena*:

Vai-se a Índia em vogais e consoantes
o resto é morrer de pequenez
Camões porque poema nunca dantes.
Maldivas Madagáscar Moçambique
não mais canção um ritmo português. (47)

Como nota final dessa nostálgica reconstrução mitopoética de Camões, Alegre testemunha o realizar da profética intuição camoniana ao, paradoxalmente (porque misto de euforia e fatalismo), conceber a fundação heróica da identidade nacional já continente dos motivos e das causas germinais do seu próprio fim. Dessa época passada—de cujas reencarnações o Mito do Sebastianismo tornou-se a expressão mais autêntica—o que resta é só a literatura, o heróico poético da épica camoniana. Mesmo a sua imortal grandiloquência passa com a morte do seu autor, num povo que perdeu a sua cultura, tornando-se na “gente cega e muda [que] somos nós” (41). Devido a isto, Alegre pede que o hipotexto mitopoético de Camões fale através de si, da sua poesia de *Com que pena*, isto é, com a pena (instrumento) da escrita de ambos e a pena (sofrimento) por ambos sentida pelo destino histórico e cultural do seu povo.

Na sua absoluta fidelidade poética e ideária à cosmovisão camoniana, Alegre, ressentido com a condição do seu próprio tempo cultural e histórico, continua incansavelmente a tecer e a destecer—Penélope ulissíaca à espera do seu Portugal—o tecido textual de Camões, flâmula da identidade nacional. Assim é que Alegre—com o sentimento do desconcerto dos versos do seu inspirador (“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”), mas sem perder a típica amorosidade (“[Amor] é dor que sente sem doer”)—finalmente endereça a Camões o seu apelo apostrófico:

Com que voz nos diria com que voz?
 O tempo se mudou mas não o seu
 falas connosco às vezes quase a sós
 e o que te dói nos dizes sem doer. (41)

Dada a densidade do poder de intertextualização e metatextualização de Alegre, resta concluir, perguntando a outro poeta do mais genuíno sentimento português e universal—o Fernando Pessoa da “Autopsicografia”—o que ele diria da dor-sentimento de Camões refletida no verso de Alegre: “e o que te dói nos dizes sem doer” (41).

Obras Citadas

- Alegre, Manuel. *Com que pena: vinte poemas para Camões*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992. Impresso.
- Bakhtin, Mikhail. *The Dialogic Imagination*. Trans. Caryl Emerson and Michael Holquist. Austin: University of Texas Press, 1990. Impresso.
- Blumemberg, Hans. “Wirklichkeitsbegriff und Wirkungspotential des Mythos.” *Terror und Spiel*. Ed. Hrsg. von Manfred Fuhrmann. München: W. Fink, 1971. Impresso.
- Bollack, Jean. “Mystische Deutung und Deutung des Mythos.” *Terror und Spiel*. Ed. Hrsg. von Manfred Fuhrmann. München: W. Fink, 1971. Impresso.
- Borges, Jorge Luis. “Kafka y sus precursores.” *Otras inquisiciones*. Buenos Aires: Ediciones del Sur, 1963. Impresso.
- Brownlee, Kevin, and Walter Stephens. Introduction. *Discourses of Authority in Medieval and Renaissance Literature*. Ed. Kevin Brownlee and Walter Stephens. Hanover and London: University Press of New England, 1989. Impresso.
- Brownlee, Maria Scordilis. “The Counterfeit Muse: Ovid, Boccaccio, Juan Flores.” *Discourses of Authority in Medieval and Renaissance Literature*. Ed. Kevin Brownlee and Walter Stephens. Hanover and London: University Press of New England, 1989. Impresso.
- Camões, Luis Vaz de. *Poesia lírica*. Ed. de Isabel Pascoal. Lisboa: Editora Ulisseia, 1980. Impresso.
- Castro, E. M. Melo e. *A literatura portuguesa de invenção*. São Paulo: DIFEL, 1984. Impresso.
- Frank, Manfred. “Die Dichtung als ‘Neue Mythologie.’” *Mythos und Moderne*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1983. Impresso.
- Friedrich, Paul. *The Language Parallax*. Austin: University of Texas Press, 1986. Impresso.
- Kristeva, Julia. *The Kristeva Reader*. Ed. Toril Moi. New York: Columbia University Press, 1969. Impresso.
- Pessoa, Fernando. *O livro do desassossego*. Lisboa: Editora Atica, 1982. Impresso.
- Tannen, Deborah. *Talking Voices*. New York: Cambridge University Press, 1989. Impresso.
- Todorov, Tzvetan. “La lecture comme construction.” *Poétique* 24 (1975): 413–26. Impresso.

Pedro Carlos Louzada Fonseca is professor of Portuguese literature at the Federal University of Goiás (Brazil), where he serves as the editor of *Signótica*, the journal of Graduate Studies in Letters and Linguistics. His publications include numerous articles published in Brazil and in the United States on such topics as the medieval bestiary and Luso-Brazilian colonial literature. His book *Bestiário e discurso do gênero no descobrimento da América e na colonização do Brasil* (São Paulo: EDUSC) appeared in 2010. Among his research interests are misogynistic and pro-women discourses in medieval literature. E-mail: pfonseca@globo.com